

ALEXANDRE REBORDÃO BRUNO PINTO

**A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DO KARATÊ NA FORMAÇÃO
INTEGRAL DO INDIVÍDUO**



Monografia apresentada à Disciplina
Seminário de Monografia como
requisito parcial para conclusão do
curso de Licenciatura em Educação
Física, do Departamento de Educação
Física, do Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.

Professor Rogério Gomart

CURITIBA

2001

ALEXANDRE REBORDÃO BRUNO PINTO

**A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DO KARATÊ NA FORMAÇÃO
INTEGRAL DO INDIVÍDUO**

**Monografia apresentada à Disciplina
Seminário de Monografia como
requisito parcial para conclusão do
curso de Licenciatura em Educação
Física, do Departamento de Educação
Física, do Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

Professor Rogério Goulart

CURITIBA

2001

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	iii
1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	01
1.2 OBJETIVOS	02
1.2.1 Objetivo geral.....	02
1.2.2 Objetivos específicos	02
2 REVISÃO DE LITERATURA	03
2.1 GÊNESE E HISTÓRIA DO KARATE.....	03
2.2 O SIGNIFICADO DA PALAVRA KARATE	14
2.3 ASPECTOS FILOSÓFICOS	15
2.3.1 Esporte x Artes Marciais	15
2.3.2 A filosofia do Karatê.....	17
2.3.2.1 Filosofia Budo.....	17
2.3.2.2 Dojo Kun.....	18
2.3.2.3 Shoto Ni Ju Kun.....	21
2.3.2.4 Katas.....	23
2.3.3 Filosofia X Religião	23
2.3.4 Conceitos filosóficos.....	26
2.4 CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DO KARATÊ.....	32
3 METODOLOGIA.....	43
4 CONCLUSÃO.....	44
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - DIVISÃO DOS REINOS EM OKINAWA.....	04
FIGURA 2 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE OKINAWA	06
FIGURA 3 - BO.....	08
FIGURA 4 - KAMA	09
FIGURA 5 - NUNCHAKU	09
FIGURA 6 - SAI.....	10
FIGURA 7 - TONFA.....	10

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

No mundo de hoje, valores como disciplina¹, respeito e companheirismo são muitas vezes deixados de lado. As famílias, cujos pais têm necessidade econômica ou pessoal de trabalho não têm condições de ajudar a construir estes valores na criança, por não estarem sempre em contato com os filhos que, normalmente, passam seus dias em frente de uma televisão e/ou em contato de companhias inadequadas.

Por outro lado, as escolas, em geral, priorizam o aspecto intelectual, dando menos ênfase aos fundamentos da educação moral, cujos ensinamentos estão voltados para o comportamento disciplinar e social.

Além disso, acrescenta FRANCHINI (1996), os interesses pelas artes marciais e esportes de combate no Brasil têm crescido consideravelmente. Esse fenômeno é exemplificado pelo aumento da veiculação em revistas especializadas, artigos em revistas e jornais não especializados, filmes, reportagens em programas esportivos, documentários, e até mesmo em fitas de “videogame”, no entanto, a desinformação a respeito dessas artes e a falta de profissionais qualificados para difundi-las, tem feito com que se crie uma imagem distorcida, atribuindo às artes marciais uma identidade que foge completamente da sua identidade original.

Vários estudos, como os de Bull (1988) e Franchini (1996), apontam as contribuições que o Karatê pode propiciar ao praticante, tanto no aspecto fisiológico, quanto psicológico e social. Entretanto a despeito dos estudos, muitos professores, em sua maioria leigos, não dão importância aos valores morais e éticos presentes na

¹ Neste trabalho entende-se como disciplina o procedimento conveniente ou ordem requerida para o bom funcionamento de uma organização.

filosofia do Karatê, sendo assim acabam ensinando apenas um conjunto de técnicas de ataques e defesas, porém sem nenhum valor psico-social para o indivíduo. Além disto, raramente estes estudos relacionam a filosofia do Karatê a estas contribuições, e com isto surge a pergunta: a filosofia do Karatê, com seus códigos de ética, ensinamentos e lemas, que têm sua origem em uma cultura diferente² da qual ela está inserida, pode proporcionar alguma contribuição ao praticante no que diz respeito aos aspectos psico-sociais?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar os aspectos filosóficos do Karatê e discutir sobre sua contribuição na formação integral do indivíduo.

1.2.2 Objetivos específicos

Realizar uma breve revisão sobre a gênese e a história do Karatê.

Fazer uma fundamentação teórica sobre o significado de alguns conceitos filosóficos importantes para este trabalho.

Verificar as contribuições na formação do caráter/personalidade que o Karatê pode proporcionar ao indivíduo.

² Utiliza-se o termo cultura diferente pelo fato de o Karatê ter sua origem na cultura oriental, que na sua raiz filosófica e social difere consideravelmente da cultura e valores ocidentais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 GÊNESE E HISTÓRIA DO KARATÊ

O Karatê não se limita a estudar a forma mais eficaz de dar uns murros e pontapés!

O conhecimento e compreensão de suas origens históricas são, na verdade, essenciais para aquele que pretende trabalhar com esta arte marcial, seja como treinamento ou como conteúdo nas aulas de Educação Física. No entanto o que ocorre, infelizmente, é que alguns ainda encaram esta arte marcial como apenas mais um desporto entre tantos e não levam em consideração toda riqueza cultural que ela carrega consigo. (VIANNA, 1996)

O Karatê é uma arte marcial nobre, aqueles que se orgulham de quebrar tábuas ou telhas, ou que se vangloriam de poder realizar façanhas exóticas, como retalhar carne ou arrancar costelas, realmente não conhecem nada de Karatê. Eles estão brincando nos galhos e entre as folhas de uma árvore frondosa, sem ter a mínima idéia do que é o tronco! (FUNAKOSHI, 1988)

A história das artes marciais está repleta de lendas e mistérios. Os registros escritos anteriores ao século XVII praticamente inexistem. Isto se deve, sobretudo, à ausência de uma linguagem escrita - o que não nos deve admirar, se tivermos em conta que esta apenas começou a ser gradualmente introduzida no próprio Japão no século IV, com a adoção de alguns ideogramas chineses, os kanji, complementados, a partir do século IX, com símbolos fonéticos, os kana-hiragana e katakana. Até então, o idioma japonês também era apenas falado. Contudo, há achados arqueológicos que indicam a existência das artes marciais a mais de 2200 anos. (VIANNA, 1996)

Conforme coloca VIANNA (1996) o instinto de sobrevivência é determinante para a manutenção e evolução das espécies.

VIANNA (1996) acrescenta ainda que não constituindo exceção a esta regra elementar - temperada com maior ou menor dose daquilo que gostamos de designar

por “civilização” -, o Homem sempre recorreu à luta para resolver as suas diferenças desde tempos imemoriais, tanto numa perspectiva de autodefesa, como numa postura de ataque visando a destruição do inimigo.

Pouco a pouco os diferentes motivos para que o homem lutasse, inúmeros e por todos nós bem conhecidos, multiplicaram-se com o acentuar dos desequilíbrios sociais e econômicos inerentes ao desenvolvimento científico e tecnológico - do qual depende, por outro lado, do poder mortífero das armas e técnicas de combate utilizadas -, e a classe guerreira foi formando, juntamente com a religiosa, o elemento dominante das sociedades. (BATH, 1993)

Assim tem sido desde os tempos mais remotos, um pouco por toda parte, e também nas ilhas Ryukyu, situadas no Oceano Pacífico, ao largo da China, a cerca de 600 km ao sul do Japão. Embora seja, desde 1879, parte integrante do Japão, o arquipélago foi, em outros tempos, um território independente, dividido em três reinos que se digladiavam mutuamente pela supremacia: Hokuzan, Chuzan e Nanzan. (KUNIYOSHI, 1998)

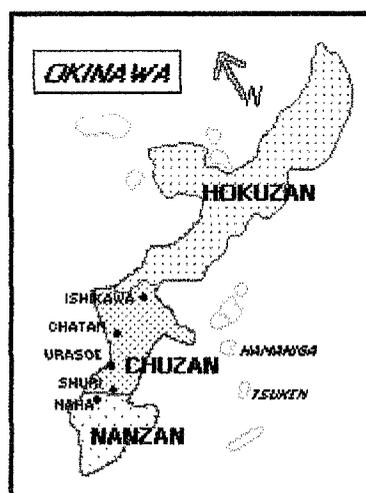


Fig. 1 - Divisão dos reinos em Okinawa

As formas de luta então desenvolvidas localmente uniram-se, em épocas diferenciadas, recebendo influências do Japão e, mais tarde, da China, sendo estes últimos resultantes de uma miscigenação de estilos de combate oriundos de diversas

partes do Globo e burilados no Império do Meio. O produto final deste longo processo evolutivo é a arte marcial que hoje conhecemos como Karatê; o berço onde nasceu, cresceu e, finalmente, se revelou ao Mundo, é a maior das ilhas Ryukyu, e chama-se Okinawa. (KUNIYOSHI, 1998)

A atual prefeitura japonesa de Okinawa - antigo arquipélago de Ryukyu - tem uma área total de 2249,91 km². Compõe-se de 50 ilhas desabitadas e 110 habitadas, espalhadas por uma área de 1000 km de Leste a Oeste e de 400 km na direção Norte-Sul, e divididas em três grupos: Okinawa, Yaeyama e Miyako. A maior ilha é Okinawa, seguida por Iriomote, Isigaki e Miyako. (YAMASHIRO, 1997)

Okinawa, de formato esguio, tem uma área total de 1188,4 km², 104 km de comprimento e uma largura média de 10 km. Tem uma densidade populacional de 540 habitantes por quilometro quadrado, 10 cidades, 15 vilas e 28 aldeias, com uma população total de 1,22 milhões em 1992. A maior parte da zona norte é verde e montanhosa, enquanto que as partes central e meridional são planas e baixas, com pouca vegetação, concentrando cerca de 90% da população. A temperatura média de inverno fica entre os 15° e 18° C, enquanto que no Verão oscila entre os 27 e os 29° C. A estação das chuvas dura de maio a junho, e é imediatamente seguida pela época dos furacões - ocasionalmente destrutivos - que dura até outubro. No arquipélago vivem espécies animais e vegetais diferentes das que encontramos no Japão. Entre as primeiras distinguem-se o pica-pau de Okinawa, o gato selvagem de Iriomote, e ainda a raposa voadora, o javali, o habu (cobra venenosa), o sapo, o caranguejo, a águia; do reino vegetal destacam-se o deigo, o gajimaru, o ako, o hibisco, a buganvilia, a camélia e os frutos como a papaia, o ananás e a banana. (YAMASHIRO, 1997)

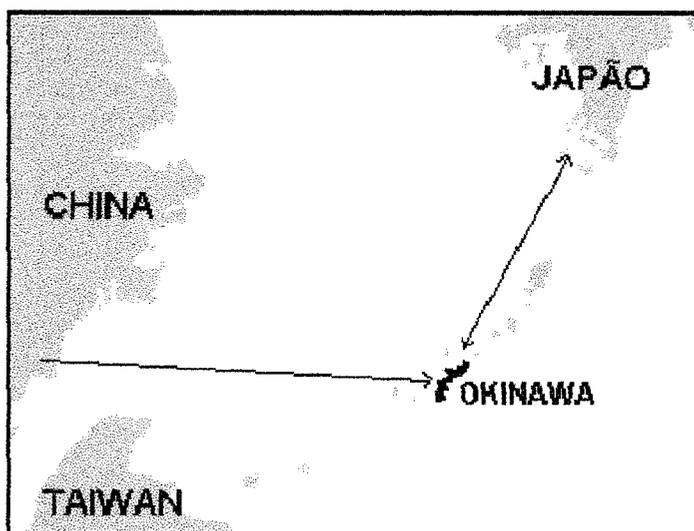


Fig 2. - Situação geográfica de Okinawa

Talvez a vida neste paraíso subtropical tenha, em tempos, correspondido à idéia de calma e tranqüilidade que a envolvente natural inspira. Mas, desde que é possível falar de uma História de Okinawa minimamente fundamentada - por volta dos fins do século XII - a existência dos ilhéus nunca foi propriamente pacífica. Ocorreram conflitos locais entre pequenos proprietários e chefes tribais, incidentes diplomáticos com o imperador chinês e, mais tarde, os combates contra o invasor japonês, que acabaria por anexar todo o arquipélago. (YAMASHIRO, 1986)

Okinawa encontra-se, desde que a conhecemos, na encruzilhada de diversas rotas marítimas, notadamente as do comércio chinês, japonês, filipino, malaio, indiano, tailandês e árabe, sujeita, assim, à influência de diversas correntes culturais e econômicas. (YAMASHIRO, 1986)

Sabe-se que dos séculos X a XIII existiram por todas as ilhas Ryukyu muitos chefes locais - aji, ou anji -, que governavam os seus pequenos domínios, tratavam das culturas e travavam, por vezes, lutas com os vizinhos numa tentativa de aumentar as suas posses. Eram ajudados por uns quantos aristocratas japoneses, refugiados nas Ryukyu na seqüência de confrontos militares que ocorreram no Japão no século X. Estes nobres foram, aliás, responsáveis pela introdução em Okinawa de técnicas de

combate japonesas, como o tiro com arco, o arremesso da lança e a esgrima. (BATH, 1993)

Em 1186, o rei Shuten, o primeiro de que há realmente notícia. Neto do chefe indígena Ozato e filho do japonês Tametomo Minamoto, perito em diversas artes de combate do Império do Sol Nascente – entre elas as de combate com a mão nua – estava exilado em Kyushu, a ilha mais meridional do Japão, juntamente com outros Samurais do seu clã. Após a derrota de seu pai por Kiyomori Taira, viajou até Okinawa, protagonizando assim a primeira influência japonesa sobre as técnicas de combate locais. (BATH, 1993)

VIANNA (1996) cita que por volta de 1368, na dinastia Ming, o imperador Ming Zhu Yuanzhang enviava emissários a Chuzan, um dos três reinos rivais das Ryukyu, exigindo ao rei Satto o pagamento de um tributo. Incapaz de se opor, Satto cede ao poderoso vizinho, que passa a empossar aos reis das Ryukyu, enviando uma embaixada que chegava a atingir 500 pessoas.

Este acontecimento repetiu-se por diversas vezes entre 1372 e 1866. Os chineses permaneciam em Okinawa durante, pelo menos 3 meses, tempo mais do que suficiente para que continuamente se pudesse exercer uma influência do kempo chinês³ sobre as técnicas de combate locais. (VIANNA, 1996)

Em 1392 chega a Kumemura, perto de Naha, uma missão oficial extraordinária enviada pelo imperador chinês, visando fomentar o intercâmbio cultural entre a China e Okinawa. Era composta, ao que se diz, por 36 famílias de artistas e artesãos que muito contribuíram para a introdução na ilha de técnicas de boxe chinês. (BATH, 1993)

Ainda o mesmo autor reporta que entre 1422 e 1439 o comércio nesta região desenvolveu-se largamente, fazendo de Okinawa um importante entreposto comercial

³ Arte marcial de origem chinesa muito semelhante ao Kung Fu.

entre, por um lado, a Índia e o Sudeste Asiático e, por outro, a China, a Coreia e o Japão. (BATH, 1993)

Com os mercadores viajavam frequentemente peritos em artes de combate sem armas, oriundos de todas estas paragens, e assim a cultura de Okinawa foi absorvendo os ensinamentos que estes estrangeiros traziam. (BATH, 1993)

Entre 1477 e 1526 o governo foi assegurado pelo rei Sho Shin. Este monarca acabou com o feudalismo em Okinawa, proibiu o porte de espadas e decretou ilegais a propriedade privada de grandes quantidades de armas. Esta medida acabou tornando-se um pretexto para intensificar o desenvolvimento das técnicas de combate com a mão nua e dos ko-budo, artes de combate com ferramentas agrícolas e com armas nelas baseadas, como o bo, a kama, o nunchaku, o sai e a tonfa, sobre os quais aqui inscrevemos um breve apontamento. (YAMASHIRO, 1996)

Em Okinawa o bo, também chamado kon, é um pau de cerca de 182 centímetros de comprimento (rokushaku-bo, o bo de seis pés), embora existam, também o yonshaku-bo e o kyushaku-bo. No Japão existem bo com outras designações e outras medidas. A secção varia entre as formas circular, quadrangular, hexagonal, octogonal e outras. Enquanto que na China se utilizava o bo de bambu, o bo de Okinawa era geralmente feito de madeira de carvalho, visando fazer face ao ataque da espada dos samurais. Dentre os ko-budo, o bo é, possivelmente, o mais difícil de dominar, devendo-se executar as técnicas de um modo suave, circular e fluído. (TAGNIN, 1975)



Fig. 3 - Bo

A kama é a foice utilizada nos trabalhos agrícolas, e existe com dois tipos de lâmina: em forma de “C” e outra quase retilínea. (TAGNIN, 1975)

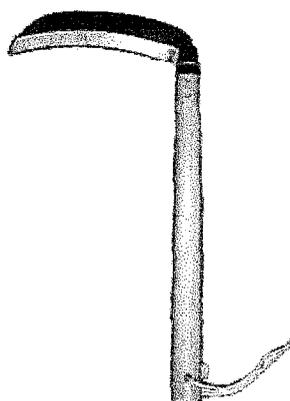


Fig. 4 - Kama

O nunchaku, bastante divulgado nos nossos dias no Ocidente, é o mangual ou malho, de origem chinesa, utilizado para bater o cereal visando a libertação do grão. Consiste de duas peças de madeira medindo entre 30 a 60 centímetros de comprimento e reunidas por uma corda ou corrente. (TAGNIN, 1975)



Fig. 5 - Nunchaku

O sai é uma espécie de tridente metálico, utilizando aos pares como arma de luta corpo a corpo. Com ele era possível quebrar o sabre de um samurai, torcendo a lâmina entre as pontas do tridente. Na sua forma original era feito de madeira e utilizado no transplante de pés de arroz, tendo evoluído, nos tempos da ocupação de Okinawa, para o aço e, nos nossos dias, metais leves, que o tornam menos eficaz se utilizado em combate contra espadas. (TAGNIN, 1975)

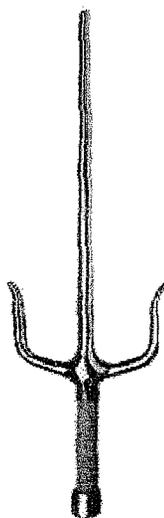


Fig. 6 - Sai

Finalmente, a tonfa é um pau curto com um punho acoplado, usada na cultura do arroz e na trituração dos grãos de soja. Em combate utiliza-se, tal como o sai, aos pares. Atualmente é empregada por algumas forças policiais como, por exemplo, a própria polícia militar de Curitiba, embora, nestes casos, o plástico tenha substituído a madeira tradicional. (TAGNIN, 1975)

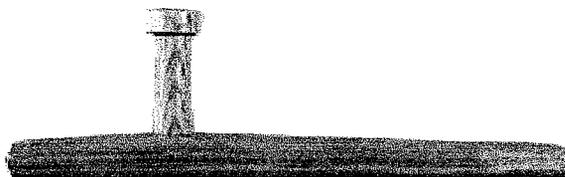


Fig. 7 - Tonfa

No Japão, em meados do séc. XVI, eclodia uma guerra civil entre os clãs rivais de Tokugawa e Satsuma. Vencidos, os Satsuma foram autorizados a concentrar as suas atenções na conquista da ilhas Ryukyu para o Japão. (YAMASHIRO, 1986)

Conseguiram-no desembarcando, em 5 de abril de 1609, na ilha de Okinawa, então com meio milhão de habitantes, um contingente de 3000 guerreiros, e fazendo refém o rei Sho Iku. (YAMASHIRO, 1986)

Nomeado pelos Satsuma governador militar do arquipélago, Iehisa Shimazu promulgou ordenações banindo a classe militar autóctone e proibindo a utilização não apenas de armas, mas de qualquer tipo de objeto metálico - o que viria, inclusive, a criar problemas de sobrevivência, já que o metal era, naturalmente, utilizado também na cutelaria e em instrumentos agrícolas. (BATH, 1993)

À instância da população local acabaria por ser instalado numa praça pública um cepo com uma faca a ele acorrentada, vigiada dia e noite por guardas japoneses. Era o único utensílio legalmente existente para cortar a carne. (BATH, 1993)

Face aos poucos resultados dos seus esforços isolados contra o invasor armado, os diversos grupos de praticantes de artes marciais reuniram-se na clandestinidade, em 1629, numa frente única contra os Satsuma, da qual resultou um conjunto de técnicas a que se chamou, simplesmente, “Te” (“mão”). (TAGNIN, 1975)

Na verdade, ao limitar as possibilidades de combate dos habitantes de Okinawa à utilização das armas naturais do corpo, Iehisa Shimazu acabaria por se tornar no principal responsável pelo desenvolvimento das técnicas de combate com a mão nua, personificando, assim, a maior influência do Japão na gênese do Karatê. (TAGNIN, 1975)

Antes de olhar, com algum pormenor, para o “Te” iremos referir uma outra influência decisiva da China - e, antes dela, da Índia - chegada a Okinawa em data

incerta entre meados do século XVIII e meados do século XIX, ou seja, no tempo imediatamente seguinte aos acontecimentos que acabamos de narrar.

Os primeiros Jogos Olímpicos, disputados em 776 a.C., incluíam já uma modalidade de combate com a mão nua, o pankration, baseado em golpes com o punho, luta corpo-a-corpo, projeções e imobilizações. As campanhas de Alexandre Magno, no século IV a.C. estenderam até à Índia a influência destas técnicas europeias, que, juntamente com contribuições da Pérsia, afetaram as artes de combate locais. (PANIKKAR, 1977)

Escritos budistas antigos, como o Lotus Sutra, já utilizam também o termo “pugilista”, e aparece fora de dúvida ter a Índia estado na origem de, pelo menos, duas artes marciais sem armas. Uma delas terá sido o vajramushti, praticado pela kshatriya, a classe guerreira outrora dominante na Índia. A arma principal era o punho, endurecido pelo choque continuado com placas de mármore, num treino semelhante ao que é atualmente praticado com o makiwara ⁴japonês. (PANIKKAR, 1977)

A outra arte indiana, o kalaripayat, data de há cerca de cinco mil anos e predominava no norte da Índia. Recorrendo, por vezes, ao uso de armas, caracterizava-se, sobretudo, pelas técnicas de perna dirigidas aos níveis altos do corpo humano, pela utilização de varrimentos com os pés e pelas suas posições baixas. Incluía, ainda, técnicas de *quebra*, o pranayama. (YAMASHIRO, 1997)

Um destacado membro da kshatriya teria sido o chamado Bodhidharma, e que viria a tornar-se no 28º patriarca do budismo. (YAMASHIRO, 1997)

De acordo com VIANNA (1996) é, não obstante, possível situar, com alguma certeza, Bodhidharma no mosteiro da ordem de Shaolin, localizado na província chinesa e Honan, em finais do século V ou princípios do século VI d.C. As

⁴ O makiwara é uma tábua de 1,30 m de altura, por 0,10 m de largura e 0,015 m de espessura enrolada com palha e é utilizada principalmente no treinamento de golpes com as mãos.

razões que lá o terão levado nada tinham, por certo, a ver com a divulgação ou ensino de técnicas de combate, mas sim, dada a sua condição de monge, com a divulgação da religião budista no Império do Meio.

Bodhidharma ensinou no mosteiro uma seqüência denominada Shihpa Lohan Shou - “As Dezoito Mãos do Lohan” -, provavelmente originária do vajramushti e constituída por calistenias destinadas a restaurar em Shaolin a forma física e mental perdida ao longo de anos de meditação inerte. (VIANNA, 1996)

Atribuem-se ao monge budista duas linhas fundamentais de ensino: o Yi-jing-jin e o Shui-jin. A primeira constituía a vertente respiratória, que procurava facilitar a concentração dos monges na sua meditação. A segunda visava o fortalecimento do corpo, nela se vislumbrando também técnicas de defesa pessoal destinadas a assegurar a proteção do mosteiro contra os freqüentes ataques de salteadores. (VIANNA, 1996)

Ficam assim estabelecidas as raízes indianas de algumas técnicas de Karatê. Além disso, acrescenta VIANNA (1996) que estes breves parágrafos sintetizam toda a ligação possível do Karatê de Okinawa a uma corrente religiosa ou ideológica, seja ela o budismo zen ou qualquer outra.

Os habitantes de Okinawa não eram, de forma alguma, monges, mas sim guerreiros que lutavam com denodo pela sobrevivência, sintetizando o que de melhor encontraram nas artes de luta sem armas que, em épocas distintas, e dada à localização privilegiada do Arquipélago, foram, através dos mares, chegando ao seu conhecimento. (YAMASHIRO, 1986)

No final do século XIV estavam reunidos os três ingredientes elementares a partir dos quais, ao longo dos seis séculos seguintes, se formou a arte marcial que conhecemos como Okinawa-Te, a “mão de Okinawa”: as formas de combate locais e as influências diretas do Japão e da China. (TAGNIN, 1975)

VIANNA (1996) acrescenta ainda que o “te”, como era chamado, recebeu grande impulso no século XVII quando Okinawa foi invadida pelos japoneses e sua prática proibida. A partir daí, ele foi praticado secretamente em 3 escolas, a saber: Naha Te, Shuri Te e Tomari Te. Estas escolas foram as precursoras do Karatê moderno. Todos os atuais estilos de Karatê são derivações do Naha Te, ou do Shuri Te, ou, mais raramente, do Tomari Te.

2.2 O SIGNIFICADO DA PALAVRA KARATÊ

À medida que o Okinawa Te foi se popularizando passou a chamar-se Karatê, no entanto, os kanjis utilizados eram de origem chinesa e significavam “mãos da China”. Em 1936, Funakoshi mudou os caracteres Kanji utilizados para escrever a palavra Karatê. O caractere “kara” significava China, e o caractere “te” significava mão. Para popularizar mais a arte no Japão, ele mudou o caractere “kara” por outro, que significa “vazio”. De “Mãos Chinesas” o Karatê passou a significar “Mãos Vazias”, e como os dois caracteres são lidos exatamente do mesmo jeito, então a pronúncia da palavra continuou a mesma. Além disso, Funakoshi defendia que o termo “Mãos Vazias” seria mais apropriado, pois representa não só o fato de o Karatê ser um método de defesa sem armas, mas também representa o espírito do Karatê, que é esvaziar o corpo de todos os desejos e vaidades terrenos. Com essa mudança, Funakoshi iniciou um trabalho de revisão e simplificação, que também passou pelos nomes dos Kata, pois ele também acreditava que os japoneses não dariam muita atenção por qualquer coisa que tivesse a ver com o dialeto caipira (interiorano) de Okinawa. Por isso ele resolveu mudar não só o nome da arte, mas também os nomes dos Katas. Ele estava certo, e o número de alunos cresceu ainda mais.(FUNAKOSHI, 1973)

O sufixo DO, acrescentado mais tarde, que significa caminho ou via, veio complementar o nome Karatê que passou a se chamar Karatê-Do ou “O Caminho das

Mãos Vazias”. Do é o caminho que conduz ao equilíbrio, à harmonia, ao encontro do Eu interior. É ele que dá o sentido espiritual ao Karatê. A palavra DO denota a influência da filosofia e da religião. Ela diz que a arte é mais do que simples técnica, mas antes disso um estado de espírito. (FUNAKOSHI, 1973)

O Karatê-do pode ser definido como a arte que conduz o homem ao encontro de si mesmo, e, neste encontro, poder descobrir suas potencialidades latentes. Ele desperta no praticante o desejo de se auto descobrir e então superar suas limitações. (FUNAKOSHI, 1988)

Em 1922, o Okinawa Te foi introduzido no Japão, popularizando-se rapidamente. Isto fez com que ele fosse reconhecido pela Butokukai (Associação de Artes Marciais do Japão) como uma das artes marciais japonesas, recebendo o nome de Karatê (“mãos vazias”). (TAGNIN, 1975)

Dentro do Karatê existem diversos estilos ou escolas. Cada uma delas possui filosofia, técnica e movimentos característicos. Estas diversificações surgiram da visão diferente de cada *expert* e das necessidades da região onde se desenvolveram. (TAGNIN, 1975)

2.3 ASPECTOS FILOSÓFICOS

2.3.1 Esporte x Artes Marciais

Antes de começarmos a discussão sobre a filosofia do Karatê é preciso entender o que é arte marcial e o que é esporte. (SILVA, 1999)

Arte é o uso sistemático de conhecimento ou habilidade na consecução de um fim; perícia adquirida através de experiência ou estudo; atividade criadora humana voltada para o belo; habilidade, perícia. (SILVA, 1999)

Marcial deriva da palavra Marte, deus da guerra – que dentro do Panteão romano simbolizava a guerra interior, a busca do homem pelo conhecimento maior.

Através desta batalha interior o homem atingiria o equilíbrio e a harmonia (MACHADO, 1995).

Desta forma, as artes marciais representariam o caminho para o encontro do homem consigo mesmo, vivenciando a fundo as experiências que o levam à sabedoria. Sendo assim, as artes marciais teriam se originado no momento em que o homem tomou consciência de sua própria individualidade, de que fazia parte do Universo e que a expressão de seus movimentos era análoga aos movimentos universais. A partir desta consciência o homem se libertaria de pequenos valores materiais, voltando-se para o que é realmente importante: os valores espirituais. (SILVA, 2000)

Esporte pode ser definido como um conjunto de ensinamentos, regras e táticas direcionadas para o ramo esportivo. (BORGES, 1999)

Outra definição de esporte, de acordo com PEREIRA (1988) é a de atividades específicas de competição, nas quais se valorizam intensamente as formas de praticar os exercícios físicos para que o indivíduo, ou um grupo, chegue ao aperfeiçoamento das possibilidades morfofisiológicas e psíquicas, concretizando em recorde ou uma superação de si mesmo ou de concorrente.

A Arte Marcial e o Esporte não são duas modalidades distintas; a Arte Marcial é o conjunto de técnicas, experiências e filosofia aplicadas para a construção de um ser humano completo e utiliza-se por toda a vida do praticante, enquanto que o Esporte é um desdobramento, uma pequena parte das Artes Marciais, desenvolvida exclusivamente para a competição e possui vida limitada para o praticante. (SILVA, 2000)

2.3.2 A filosofia do Karatê

2.3.2.1 Filosofia Budo

O eixo principal da filosofia do Karatê é a filosofia do Budo, que se traduz pela busca constante do aperfeiçoamento, autocontrole e na contribuição pessoal para a harmonização do meio onde se está inserido. (YAMASHIRO, 1986)

A filosofia do Budo sempre deu muita importância à percepção e à sensibilidade, uma vez que as técnicas que nela se baseiam visam essencialmente:

a) à conquista da estabilidade e da autoconfiança, através de treino rigoroso e vida disciplinada;

b) ao desenvolvimento da intuição, no sentido de perceber o ataque do adversário antes mesmo do início do seu movimento e da capacidade de analisar o adversário, para prevenir-se contra surpresas;

c) à formação de hábitos de saúde, como o uso da meditação Zen e a respiração com o abdome.

A filosofia do Karatê, como mostraremos a seguir, está repleta de ensinamentos que têm como um dos objetivos aperfeiçoar o auto controle, principalmente quanto à violência. (FUNAKOSHI, 1988)

A famosa expressão do Mestre Funakoshi - "Karatê Ni Sente Nashi", que significa "no Karatê não existe agressão", explica claramente este objetivo, ou seja, conter, controlar o espírito de agressão. (FUNAKOSHI, 1973)

Esse propósito de "anti-violência" também pode ser muito bem expresso através do seguinte ensinamento:

"Se o adversário é inferior a ti,
então por que brigar?
Se o adversário é superior a ti,
então por que brigar?
Se o adversário é igual a ti,
compreenderá,
o que tu compreendes...
então não haverá luta.
Honra não é orgulho,
é consciência real do que se possui." (FUNAKOSHI, 1988)

2.3.2.2 Dojo Kun

DOJO é local de treinamento, local onde se busca alcançar o equilíbrio (físico + espiritual) através da prática do Karatê-do. (FUNAKOSHI, 1988)

Os Dojo de Karatê possuem regras (lemas = "kun") que são preceitos práticos (influência Confucionista⁵) que devem guiar o Karateca na sua busca de autocontrole. (FUNAKOSHI, 1988)

De acordo com FUNAKOSHI (1973) o Karateca deve lembra-los todos os dias ao terminar e iniciar os treinamentos.

1) ESFORÇAR-SE PELA FORMAÇÃO DO CARÁTER

Ser uma pessoa conhecida por ser tratável é mais importante que ser conhecido por ter força ou conseguir dar chutes e socos bonitos.

⁵ Entende-se por confucionismo a filosofia e a ética política de Confúcio, construídas em torno do homem e de sua experiência social e política, na busca do bem-estar coletivo, que impregnaram a cultura e as diversas religiões que se enraizaram na China, como o taoísmo e o budismo, e exerceram influência mesmo sobre o marxismo maoísta.

Ser querido é melhor que ser temido. Tornar-se uma boa pessoa é algo muito importante para o karateca.

Praticar o Karatê para obter principalmente paciência, perseverança, concentração e humildade.

Em combate, desenvolver a humildade, a piedade, o controle.

2) CRIAR O INTUITO DO ESFORÇO

Mesmo quando a força contrária é maior que o sujeito, o mesmo tem de ter em mente a importância do auto-controle e que é importantíssimo estar tentando sempre desenvolver em si a habilidade que não possui.

Quando se tem pouca paciência, é suportando um pouco mais que se a aumenta. Quando se é fraco, é suportando uma carga um pouco maior que se vai conseguir fortalecer.

Esforçar implica em ir além dos limites sejam eles físicos ou espirituais.

“Este item deve ser treinado principalmente fora do DOJO: esforçar mais na escola (no estudo e no comportamento), em casa (no respeito e na obediência) e no trabalho” (FUNAKOSHI, 1988).

3) RESPEITAR ACIMA DE TUDO

Um aspecto importante que deve ser evidenciado no Karatê é o respeito, pois sendo seu objetivo o aprimoramento pessoal, este aprimoramento deve se revelar em todos os aspectos da pessoa. "Não aprimoramos para lutar, mas lutamos para aprimorar." (FUNAKOSHI, 1988)

Não devem importar os motivos mas o nosso comportamento final. Por isto o "acima de tudo". Quem segue verdadeiramente este preceito não vai justificar depois uma conduta desrespeitosa, mas vai sempre demonstrar nas atitudes a idéia que abraça.

4) CONTER O ESPÍRITO DE AGRESSÃO

As pessoas possuem em si o instinto animal que as impele a comportar-se como tal, e o animal agride quando ferido, acuado ou quando seu espaço pessoal é invadido e neste comportamento ele muitas vezes se expõe à morte. O homem, por ser superior (potencialmente superior) se ofendido, tem a opção de revidar ou procurar uma situação mais confortável longe do ofensor, provocado, pode procurar uma visão diferente que o permita entender o seu caluniador. (LUBES, 1991)

Só quem busca conter o lado animal é que realmente pode alcançar toda a dimensão do Karatê-do, porque VAZIO de todo pensamento e intenção premeditado pode refletir o mínimo impulso que sobre ele se projeta. (LUBES, 1991)

5) FIDELIDADE PARA COM O VERDADEIRO CAMINHO DA JUSTIÇA

Resumidamente seria buscar os motivos, entender as conseqüências, refletir as atitudes, compreender o mundo e a vida.

Algumas traduções trazem este lema como “fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão”. Neste sentido a razão, deve ser entendida no Karatê como senso de justiça na sua abrangência ética ou moral.

2.3.2.3 Shoto Ni Ju Kun

Além do Dojo Kun os alunos aprendem também o Shoto Ni Ju Kun que são os 20 ensinamentos de Guichin Funakoshi.

1. O Karatê inicia-se e termina com saudações
2. No Karatê não existem golpes de agressão
3. O Karatê apóia o caminho da razão (justiça)
4. Conheça-se a si próprio, antes de julgar os outros
5. A princípio, lapidar o espírito, depois a técnica
6. Evitar o descontrole e desequilíbrio mental
7. A falha surge da acomodação mental e física
8. O Karatê não se limita apenas ao DOJO
9. A essência do Karatê se descobre no decorrer da vida
10. O Karatê dará frutos quando associado à vida cotidiana
11. O Karatê é igual à água quente: se não receber calor constantemente ela esfria
12. Não pense em vencer, mas não pense em derrota.
13. Mude a sua posição conforme o tipo de adversário.
14. A luta depende do bom manejo dos pontos fortes e fracos (positivo e negativo, etc.)
15. Imagine que seus membros são espadas.
16. Para o homem que sai do seu portão, existem milhões de adversários.
17. No princípio, seus movimentos são artificiais, mas com a evolução tornam-se naturais.
18. A prática de fundamentos deve ser correta, porém na aplicação deve ser diferente.

19. Domínio do seu corpo na coordenação, na força, na velocidade e elasticidade.

20. Estudar, criar e aperfeiçoar-se constantemente.

“Ser um karateca é adotar a não-violência, é respeitar os mais velhos e as tradições, é buscar a humildade, é ser disciplinado, é aprender a autodefesa, é melhorar a saúde, é praticar um esporte, é ter auto-controle, é se aperfeiçoar a cada instante, é estar em harmonia com o universo.” (FUNAKOSHI, 1988)

2.3.2.4 Katas

No Karatê existem também os katas. A palavra kata significa forma. Podemos dizer que o kata é uma forma de treinamento de defesa, ataque, contra-ataque e esquiva, que simula uma luta imaginária contra 4 ou mais adversários. Nele é possível praticar técnicas de torção, imobilização, quebra e até golpes letais, sem que se corra o risco de causar danos físicos aos companheiros de treino; pois é praticado individualmente. (LUBES, 1991)

Além de serem essenciais para o desenvolvimento técnico do karateca, pois exigem perfeição nos movimentos, trabalham as energias do ser humano, possibilitando-lhe atingir um estado de concentração mental profundo. Este estado mental liberta a mente das preocupações ordinárias e, portanto, é a base para a harmonia do espírito, que na filosofia do Karatê deve ser uma das características essenciais aos Karatecas. (OKINAWA, 1998)

2.3.3 Filosofia x Religião

Outro aspecto que deve ser analisado no Karatê é a diferença entre filosofia e religião.

Conforme SILVA, (2000) o CAMINHO MARCIAL não tem como objetivo a “Iluminação” ou “chegar a Deus”. Nas artes marciais buscamos um aprimoramento do corpo e da mente para, aí sim, buscar algo mais. Sendo assim o Karatê é uma filosofia de vida e não uma religião.

O mesmo autor afirma que é possível praticar artes marciais e estudar filosofia oriental independente da sua religião, qualquer que seja ela. Sem conflitos

nem querelas. Muitos praticantes deixam de enriquecer suas vidas com a filosofia das artes marciais por acreditarem que isso se chocará com suas crenças religiosas. De modo algum. Para isso devemos saber o que é religião e o que é filosofia.

De acordo com SILVA (2000) a palavra religião vem do latim *religare*, que significaria religar a pessoa com Deus, e define religião como um conjunto de crenças, dogmas e cerimônias que são utilizadas para se tentar alcançar um Ente Superior ou Divindade.

JACQUARD (1998), no entanto, afirma que *religare* significa uma ligação do Homem ao Mundo.

SILVA (2000) acrescenta que religião é uma coisa muito pessoal, onde cada ser humano possui a sua própria, pois dificilmente uma pessoa possui uma única crença, há portanto uma mistura sutil de várias delas, embora normalmente ninguém confesse uma coisa destas.

Em relação à filosofia, entretanto, ABAGNANO (1982) afirma que a mesma é uma palavra grega que significa "amigo da sabedoria" (*philos*= amigo, *sophia*= sabedoria). Para os gregos, o filósofo era alguém que pesquisava o porquê das coisas, estabelecendo leis que explicavam os acontecimentos da Natureza e do Homem. Nos dicionários também aparecem as seguintes definições de filósofo: "o que ama a sabedoria; o que se dedica ao estudo e investigação dos princípios e causas gerais e suas relações com os efeitos; o que segue unicamente os ditames da razão e não se deixa levar pelos sentimentos; o que procede sempre com sabedoria e refletidamente". Ora, os primeiros cientistas ocidentais foram os filósofos gregos!

Então pode-se colocar, sem problemas, que a filosofia é uma ciência, que pode ser estudada e pesquisada, sem que se necessite de uma crença ou fé. É algo que pode ser discutido com outras pessoas e se utilizar argumentos sólidos para as colocações. Uma das dificuldades que encontra-se ao discutir sobre a filosofia do Karatê é o fato de que muitas vezes não entende-se o verdadeiro sentido das palavras,

o que é comum principalmente quando a discussão é sobre as filosofias orientais, mas é apenas porque as colocações muitas vezes não fazem parte de nossa cultura ou as pessoas que discutem não possuem a mesma experiência. Nossos conceitos são formados com base em nossas experiências, sejam físicas ou intelectuais. (SILVA, 2000)

SILVA (2000) segue afirmando que nem toda filosofia é necessariamente uma religião, mas toda religião tem uma filosofia predominante, um conjunto de regras e leis que determinam o funcionamento do Universo.

Quando se estuda filosofia oriental se estuda o conjunto de conceitos e leis de determinadas linhas de pensamento formuladas ao longo dos séculos. E isto nada tem a ver com religião. Por exemplo, se você estudar a filosofia budista encontrará as Quatro Nobres Verdades e o Óctuplo Caminho, que são como normas de conduta para que você possa viver melhor. O que ocorre é que, devido às divergências de opinião que existem em qualquer ser humano, as pessoas passaram a usar este conhecimento de maneiras diversas. Assim apareceram as duas grandes correntes budistas: o Grande Caminho e o Pequeno Caminho. Já no Tibet surgiu o Budismo Tibetano ou Lamaísmo, que se subdividiu em Chapéus Vermelhos e Chapéus Amarelos, principalmente. E na China temos o Budismo Ch'an, que se tornou o Zen Budismo japonês. E, com o acréscimo de rituais, sacerdotes e lendas, o budismo virou religião. Mas todos seguem a mesma idéia principal: os ensinamentos de Gautama, o Buda. A sua FILOSOFIA. (YAMASHIRO, 1986)

É o mesmo com os Cristãos: todas as correntes cristãs dizem seguir os ensinamentos de Cristo, sua FILOSOFIA, mas existem muitas religiões diferentes: os Católicos Apostólicos Romanos, Pentecostais, Luteranos, Evangélicos, etc. E dentro destes existem muitos outros ramos, cada qual com seus ritos, crenças e interpretações. Nada impede que um oriental estude a filosofia cristã, sem entrar em seus aspectos religiosos. (SILVA, 2000)

Todas as artes marciais orientais estão profundamente embebidas nessas filosofias. É cabível praticar uma arte marcial e estudar a sua filosofia de origem sem qualquer tipo de comprometimento religioso. Na verdade, possivelmente encontraremos diversos paralelos entre estes ensinamentos e os das religiões, não importa qual seja. (SILVA, 2000)

SILVA (2000) afirma que não se pode praticar uma arte marcial do Oriente ignorando a cultura oriental. Mas para que isto seja possível, “deve-se ter a mente sempre aberta”.

2.3.4 Conceitos filosóficos

Após esta breve explanação sobre a filosofia do Karatê é necessário entender como alguns conceitos presentes nesta filosofia são entendidos em nossa cultura ocidental.

Dentre estes está o significado do termo desenvolvimento humano.

De acordo com SANTIN (1995), pode-se dizer que o desenvolvimento humano “apresenta-se como uma grande meta do processo civilizatório”, e que se analisarmos cada ciência, instituição, cultura, sociedade, encontraremos em seu centro o ideal para desenvolver o ser humano.

É necessário analisar os significados da palavra desenvolvimento.

Em francês *développement* significa retirar o que involucra, fazer com que alguma coisa alcance toda a sua extensão. Em espanhol, *desarrollo* significa desdobramento de possibilidades não realizadas ainda. Sendo assim, desenvolvido seria aquele ou aquilo que atingiu um estágio mais elevado ou avançado de vida ou de qualidades. Desenvolvimento pode significar também, plenitude, total realização dos objetivos ou potencialidades. Pode-se dizer que a perfeição é o estado de desenvolvimento total. (SANTIN, 1995)

Para SANTIN (1995) o desenvolvimento humano consiste na realização e aperfeiçoamento de todas as potencialidades e capacidades do ser humano, e acrescenta ainda que este desenvolvimento não pode ficar restrito somente aos indivíduos mas a toda a ordem sócio-cultural.

Dentro da discussão sobre desenvolvimento humano existe a problemática de se saber qual é o perfil, a identidade que se busca com esse desenvolvimento. Existe uma grande dificuldade neste sentido devido à diversidade de ideais humanos e nesta diversidade de ideais o que é desenvolvimento para um não é para o outro. Como foi citado no início do parágrafo, é um problema dentro da discussão sobre desenvolvimento, entretanto, não podemos nos iludir com a ambição de encontrar um ideal único e universal, e nem pretendo discutir isto aqui. (SANTIN, 1995)

Segundo SANTIN (1995) existem duas alternativas para a Educação Física na pós modernidade, uma é acompanhar o avanço das ciências e seguir seus passos.

Nesta opção o papel principal da educação concentra-se no desenvolvimento da mente, no aperfeiçoamento da alma, no equilíbrio da psique. As instâncias corporais são algo menor, sem grande importância, tratam-se mais de uma disciplina, um controle, ou até, uma repressão do corpo. (SANTIN, 1995)

Sob a inspiração das ciências e da técnica, a educação torna-se uma tecnologia de transformação do corpo em máquina. (SANTIN, 1995)

Na verdade o objetivo da Educação Física acaba não sendo o desenvolvimento humano, mas de seus produtos, através do desenvolvimento da performance humana. (SANTIN, 1995)

A outra alternativa é suprir as falhas existentes nos avanços das ciências, nas suas conquistas. “Restaurar valores que não são objetos de seu olhar”. (SANTIN, 1995)

Diante disto este autor relata que “as ciências nos ensinaram a ver somente aquilo que é explicável; o que foge da explicação permanece invisível aos seus olhos.

É nesse mundo desconhecido que será preciso aprender a ver, e o que acontece na esfera da subjetividade faz parte destes domínios”. (JACQUARD, 1998)

Hoje a Educação Física tem um pouco mais condições de construir o seu próprio projeto de desenvolvimento humano, especialmente no momento que se valoriza a vida cotidiana, suas dimensões corpóreas, suas manifestações sentimentais. “O homem do fim do século, aos poucos está descobrindo que nasceu para viver, e não para morrer”. (SANTIN, 1995)

O ser humano, além de sua sabedoria genética, pode programar sua vida pela criação de novos conhecimentos e de técnicas de intervenção voluntária sobre si mesmo. É exatamente neste momento que a Educação Física pode traçar sua ação específica. Poderá traçar uma técnica para que o homem atue robotizado, automatizado. Poderá fortalecer o corpo para que se imole nos campos de batalha; ou esgotar-se nos estádios, nas pistas de atletismo, nas quadras esportivas, nos ringues, nos tatames ou nos ginásios e piscinas. Poderá continuar usando a vida, ou poderá ensinar, se é que se ensina, a viver a vida. (SANTIN, 1995)

SANTIN (1995) segue afirmando que as sociedades desenvolvidas ou civilizadas da antiguidade guiavam-se, senão pelos mortos, pelo menos por um ideal de perfeição perdido em tempos imemoriais. O exemplo mais claro que temos disto é a tradição bíblica, grande inspiradora da imagem humana ocidental, onde a humanidade, por causa de Adão e Eva, está condenada ao sofrimento e a morte, tornou-se pecadora e culpada e mereceu ser expulsa do paraíso, isto é, a perfeição ficou no passado e precisa ser restaurada.

Já na idade moderna, a humanidade substituiu o passado pelo futuro. O homem passa a ser visto como um projeto em construção. Ele se torna criatura e criador de si mesmo. A perfeição é algo que ainda não existiu e que precisa ser alcançada. (SANTIN, 1995)

Em ambos os casos a dimensão corporal não passa de um subproduto da sua existência. A perfeição do homem estava centrada no desenvolvimento de sua mente ou inteligência. Com tudo isso, a Educação Física, quando houver, acaba tendo uma função repressora ou exploradora. (SANTIN, 1995)

A Educação Física precisa entender que o corpo não pode ser reduzido a uma arquitetura mecânica, e que o movimento não se limita às leis da física. Mais do que conhecer cientificamente e dominar tecnicamente o corpo e o movimento, é preciso aprender comunicar-se com ele, pois até agora a Educação Física submeteu-se ao domínio do discurso das ciências. (SANTIN, 1995)

SANTIN (1995) afirma que fomos reduzidos a objetos quantificáveis e mensuráveis. Nos tornamos números, cifras, cálculos e assumimos dimensões, formas e fórmulas geométricas.

“Foi este discurso que a Educação Física assumiu para treinar e domesticar o corpo, tornando-o disciplinado, funcional e produtivo”. (SANTIN, 1995)

No entanto o ser humano é mais do que uma simples máquina.

“A sensibilidade humana foi esquecida, desprezada e excluída do convívio público. Ela encontra seu espaço limitado, na vida privada. Foi relegada ao lar, o lugar da vida íntima, o lugar da mulher, por sinal, a única que pode manifestar publicamente seus sentimentos e que pode assumir a sensibilidade como característica de sua personalidade.” (SANTIN, 1995)

A Educação Física tem como desafio acreditar que o homem sensível tem lugar no mundo contemporâneo, ele vive a vida, ele não vive para trabalhar, para ir para o céu, para conquistar o poder. “Ele vive porque vive”, e precisa estar consciente disto (SANTIN, 1995).

Uma das condições necessárias para tornar-se um ser consciente é a relação que estabelecemos com o outro, e ele expressa bem essa idéia quando diz: “só consegui dizer ‘eu’, graças aos ‘tu’ que ouvi”. (JACQUARD, 1998)

Para que ocorra essa relação com o outro, é imprescindível que haja comunicação (colocar em comum). Este é o ato que nos constitui. No entanto esta comunicação tem suas falhas e limitações. Uma delas é o fato de que o resultado da comunicação não é sempre o mesmo, ele depende do contexto: “uma palavra só adquire sentido em um certo contexto”. (SEVERINO, 1994)

De acordo com SANTIN (1995), a primeira condição de qualquer comunicação é o respeito, “respeitar o outro é considera-lo uma parte de si...”. Durante a comunicação é necessário tomar consciência da contribuição dos outros na formação do seu eu.

SANTIN (1995) acrescenta ainda que não se deve confundir meio de informação com meio de comunicação. Como exemplo, tem-se a televisão, que segundo o autor, é um meio de informação, pois ela não dá espaço para o diálogo, ela funciona em “mão única”.

Para tornar-se si mesmo, para a construção do EU, é preciso haver uma relação de troca com o outro. Este pensamento fica bem claro com a frase de SANTIN (1995): “eu sou o vínculo que vou tecendo com os outros”.

De acordo com o autor, sem o homem o universo seria um *continuum* sem estrutura, isto é, o objeto só passa a existir quando ele faz parte do discurso de alguém, é o discurso do homem que cria os objetos. “Todo objeto só pode ser levado à existência pelo discurso que o evoca”.

Cada ser humano é capaz de dirigir sobre si mesmo esse olhar criador de objetos. Transforma, então, sua pessoa em objeto de seu discurso. “Desse modo, não só ele é, mas ele sabe que é” (SANTIN, 1995)

E isso é consciência. “Trata-se de uma faculdade que permite saber que existimos” (SANTIN, 1995). Pois quando o objeto de meu discurso sou eu mesmo, torno-me consciente de minha existência e, também me torno consciente da existência de um outro, para quem dirijo o meu discurso. Discurso este que só pode ocorrer em uma rede de trocas que é a comunicação. Sendo assim, a consciência se desenvolve a partir do contato com os outros.

Deve-se ressaltar também que para o autor um ponto importante que nos faz diferentes dos outros animais é a consciência do amanhã. Consciência de que o amanhã existe e de que posso exercer algum tipo de influência sobre ele.

Seguindo adiante no entendimento dos conceitos filosóficos vamos tratar sobre o que é ética e o que é moral.

Segundo o SANTIN (1995), essas duas palavras são sinônimas, no entanto geralmente a palavra moral acaba tomando uma conotação vagamente religiosa.

Pode-se resumidamente dizer que ética é a “arte de escolher um comportamento, distinguir o bem do mal.”

Os problemas de ética começaram a tornar-se realmente grandes a partir do momento que nossas sociedades foram tornando-se cada vez mais complexas e que situações novas e inesperadas foram aparecendo. Quando essas sociedades foram apanhadas desprevenidas por esses problemas, criaram-se comitês de ética, “encarregados de propor atitudes coletivas diante deles”. Em um primeiro momento esses comitês são úteis para remediar assuntos mais urgentes. Mas não passam de um paliativo. “É necessário que a moral de um povo seja decidida pelo próprio povo; daí, a necessidade de uma nova forma de democracia: a democracia da ética”.(SANTIN, 1995)

O autor afirma que a única fonte da nossa consciência moral, só pode ser a cultura. É a inserção do indivíduo em uma sociedade, pelo contato com os outros que desenvolvemos nossa consciência ética.

SANTIN (1995) afirma também que deve existir um núcleo moral a todas as culturas, a todas civilizações, que poderia consistir na “afirmação do ‘respeito’ a qualquer pessoa [...] Não se trata de uma moral ocidental, mas de uma moral, que tenha como fundamento à lucidez que emana do pensamento científico sobre a realidade de nossa espécie”.

Aprofundando um pouco sobre o respeito, KANT citado por SANTIN (1995) diz que: “todo homem tem o direito de pretender que os semelhantes o respeitem e, reciprocamente, é obrigado a respeitar cada um deles. A própria

humanidade é dignidade; com efeito, o homem nunca poderá ser utilizado simplesmente como meio por ninguém (nem por outro, nem por si mesmo), mas sempre e também ao mesmo tempo, como um fim...”

O autor também discute sobre a responsabilidade que segundo ele é aceitar pessoalmente o peso das conseqüências de seus atos, sabendo ou não quais serão as conseqüências.

Pode-se afirmar que um dos momentos em que ocorre a falta de responsabilidade é quando falamos em “conduta exemplar”, que segundo o autor, seguir um exemplo é jogar sua responsabilidade para cima do outro. “Dar um exemplo, propondo ao outro seguir este exemplo, é encorajá-lo a ser irresponsável”. No entanto, nossa sociedade multiplica os apelos a seguir exemplos.

Concluindo, o papel da escola/educação é integrar a criança na comunidade humana, torná-la um irmão, um membro da “família humana”, faze-lo existir nas trocas que vive com os outros. (FREIRE, 1989)

2.4 CONTRIBUIÇÕES DO KARATÊ

Mas onde estão as contribuições que a filosofia do Karatê pode proporcionar ao indivíduo?

A Educação Física vista como conhecimento científico tem demonstrado que pode atuar como um grande estímulo à conquista da educação integral. E o auto-controle, a auto-estima, o equilíbrio fazem parte dessa educação. (ZIEMMER, 1997)

Impossível seria viver separadamente o aspecto físico, mental ou intelectual. Toda atividade física envolve atividade mental e intelectual. Entre a vida biológica, psíquica e espiritual, não existem compartimentos sem comunicação. Daí se educar o homem no tríptico aspecto: moral, intelectual e físico. (ZIEMMER, 1997)

Segundo ZIEMMER (1997), para que isto seja possível é preciso entender que as crianças são sugestionadas por uma série de fatores, que vão influenciar na formação de seu caráter.

Auto-confiança, lealdade, respeito, espírito de luta e elevado grau de concentração são qualidades desenvolvidas através da prática das artes marciais, fazendo dessas práticas uma das mais completas, divulgadas e recomendadas para as crianças e jovens. (LISSA, 1997)

Quanto ao aspecto social, na concepção de VYGOTSKY (1999) é de extrema importância a relação do indivíduo com o ambiente sócio cultural em que vive e sem esta relação o organismo não pode se desenvolver, isto é, ele necessita do suporte de outros indivíduos de sua espécie, suporte este que pode ser conseguido em atividades em grupo, principalmente se estas forem orientadas por um profissional consciente do seu papel de educador.

Ainda VYGOTSKY (1999) afirma que o desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis da atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual.

Com isto pode-se dizer que a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (VYGOTSKY, 1999)

Na visão piagetiana quando um adolescente se submete a uma norma ocorre um conflito e o indivíduo mobilizará a vontade para resolvê-lo. As normas norteadoras dos comportamentos sociais deixam de ser produzidas de fora para serem elaboradas pelo próprio sujeito. Estas normas, agora internas, são incorporadas à consciência como uma espécie de superego, uma fonte de deveres, de obrigações, de autopunição e de remorso. As normas, assim concebidas, criam um compromisso do indivíduo em relação aos outros. Por isso, a pessoa amadurece socialmente quando se vê diante de

regras que visam o bem comum e submete-se a elas, ou seja, respeita a lei, desde que sinta que esta lei beneficia a sociedade da qual faz parte e pode beneficiá-la no futuro.

A integração do adolescente à sociedade adulta exige um compromisso em relação às normas que a regem e um compromisso com a idéia de coletividade. Enquanto os valores intra-individuais levam o indivíduo a um compromisso em relação a si mesmo, os valores interindividuais levam a um compromisso em relação ao outro.

A evolução psicomotora da criança pressupõe a existência do corpo e o seu conhecimento. No processo de aprendizagem, segundo PAÍN apud ZIEMMER (1997) “o corpo poderia assemelhar-se a um instrumento musical, no qual se dão coordenadas entre diversas pulsações, mas criando algo novo. O organismo necessita do corpo como um gravador necessita de um instrumento de música original que emita o som, para que se possa gravar”.

Pode-se definir que “o corpo acumula experiências, adquire novas destrezas, automatiza os movimentos de maneira a produzir programações originais ou culturais de comportamento; e o organismo faz a programação desse corpo” (FERNANDEZ apud ZIEMMER, 1997).

Em seus estudos, LE BOULCH apud FRANCHINI (1996) percebeu que a motricidade da criança está sujeita aos princípios do prazer. As crianças reagem em função de suas necessidades mentais e corporais. Para que seu desenvolvimento se dê dentro da conformidade, ela deverá ter a possibilidade de diferir os seus impulsos motores e inibi-los, afim de escolher a atitude que tomará. Porém, estas exigências devem estar sempre apropriadas às possibilidades da criança. A coordenação dos movimentos evidencia a articulação entre o ritmo e o espaço. A repetição rítmica dos movimentos provoca uma euforia, uma espécie de auto-satisfação de sentir de forma harmoniosa as sensações que esses movimentos proporcionam.

De acordo com BORGES (1999) o corpo humano não está livre de regras físicas e é, de certo modo, “uma máquina que cresce, se desenvolve e se movimenta”. Esta máquina humana trabalha de várias formas, possibilitando a revisão de suas posturas iniciais. Esta máquina também pensa, compreende e imagina através de um processo de treinamento mental. Logo, a criança dificilmente poderá ter pensamentos claros ou inspirados se não for treinada para tal.

A prática das Artes Marciais transforma o caráter do indivíduo, dando-lhe um espírito forte e de grande recuperação, que permitirá a cada um desenvolver a sua capacidade de liderança que irá guiá-lo em todos os seus passos. Portanto, este tipo de prática é a base para que a criança ou adolescente seja lapidada e se transforme numa pessoa justa e amante de seu próximo. (OKINAWA, 1998)

Na infância e na adolescência é indispensável o correto desenvolvimento bio-psico-social do indivíduo. Com este desenvolvimento, se corrigem ou se evitam erros, como má coordenação motora, falta de atenção na sala de aula, etc.; conseqüentemente, melhoram as bases da aprendizagem - com as técnicas que a criança praticante de artes marciais memoriza, lembra e executa de forma lógica e coerente. Portanto, trabalha a mente em função da memória, coordenação e imaginação, adquirindo um sentido de ordem e disciplina mental.

Quanto ao aspecto de convivência e formação de caráter, este esporte permite libertar a criança de uma série de inibições ao facilitar-lhe o trato num ambiente diverso do meio familiar que, além disso, oferece éticas de comportamento para com seus companheiros e professores. (OKINAWA, 1998)

Enfim, os alunos de Karatê terão aprendido a ouvir e compreender seus próprios corpos, saberão concentrar-se, verão no seu interior e estarão capacitados para relaxarem suas mentes e libertarem-se dos conteúdos de ansiedade e angústia, muito próprios dos tempos atuais. Isto os transformarão em seres humanos respeitados em todos os sentidos, inteligentes, fortes de espírito, com boa saúde física e mental,

tornando-os cidadãos conscientes de seus deveres para com a família e seus concidadãos. (FUNAKOSHI, 1973)

O Karatê, através da sua disciplina rígida e dos seus exercícios árduos, ensina a nunca desistir, a perseverar até o limite das resistências; e, quando este chegar, avançar um pouco mais, expandindo as fronteiras que nos limitam. Esta arte molda o caráter, pacifica a violência, inibe a agressividade. Sua filosofia está impregnada do Zen-Budismo, mostrando que nosso único inimigo somos nós mesmos, ou melhor, nossos defeitos e imperfeições. (FUNAKOSHI, 1988)

De acordo com alguns estudos, o Karatê contribui para a formação integral do homem. Isso o diferencia daqueles que fazem do Karatê uma prática puramente esportiva. (OKINAWA, 1998)

Em geral, tarefas características de artes marciais têm sido apontadas como sendo capazes de contribuir para o desenvolvimento dos seguintes aspectos:

- diminuir a agressividade (BULL; CALEJA; VIRGÍLIO apud FRANCHINI, 1996);
- proporcionar auto-conhecimento (BULL; VIRGÍLIO apud FRANCHINI, 1996);
- melhora do auto-conceito (BULL apud FRANCHINI, 1996). Embora COAKLEY apud FRANCHINI (1996) tenha realizado estudos com outras atividades motoras, que não as típicas de artes marciais, indicando que as mesmas modificações podem ser obtidas ao adaptar estas atividades;
- conhecimento de outras culturas e do modo como encaram o ser humano e o universo (BULL apud FRANCHINI, 1996). Este aspecto pode ser obtido se o programa tiver a intenção de transmitir tais conhecimentos;
- aumentar a sociabilidade, através da interação com outras pessoas do grupo (BULL apud FRANCHINI 1996). Segundo o estudo de COAKLEY

apud FRANCHINI (1996) a prática de atividades motoras em grupo aumenta a capacidade de sociabilização das pessoas;

- contato corporal, essencial para a relação mais saudável com o outro e consigo próprio (JOHNSON; BULL apud FRANCHINI, 1996).

O Karatê é um desporto que não precisa utilizar equipamentos auxiliares e não requer nenhum custo em materiais complementares para ser desenvolvido, porque utiliza do “material humano” e recursos materiais de outras modalidades desportivas para o seu desenvolvimento; além das várias possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem de habilidades motoras da criança. (LUBES, 1991)

SILVA (1999), faz referência também a um outro aspecto que dá suporte ao ensino da filosofia nas artes marciais que é o aprendizado com armas tradicionais do Karatê, pois além de exercitar os conceitos filosóficos e marciais específicos, a utilização de armas tradicionais ainda traz muitas outras vantagens: melhoria da coordenação motora, aperfeiçoamento da utilização da distância correta no combate, aumento da propriocepção (percepção de si mesmo), melhora geral no condicionamento físico e, principalmente, aperfeiçoamento da concentração, pois qualquer movimento executado de forma incorreta ou distraída pode ser extremamente perigoso para o praticante. Não é incomum ocorrerem luxações, torções, hematomas diversos, cortes e, em casos extremos, mesmo fraturas. Por isso geralmente as técnicas com armas são ensinadas apenas quando o praticante já possui um razoável domínio dos conceitos básicos de sua arte marcial.

Mesmo em situações de defesa pessoal, alguns conceitos de armas tradicionais podem ser usados, principalmente aqueles relacionados a bastões, que podem ser improvisados com objetos encontrados na rua. Técnicas de utilização e desarmamento com armas brancas também podem ser muito úteis em um confronto real. Mesmo que não se reaja na rua, a familiaridade que o praticante tem com esses

tipos de utensílios pode ajudá-lo a manter uma atitude calma e serena, vital para sobreviver a um confronto real. Não devemos nos esquecer que a finalidade maior das artes marciais é preparar o praticante do ponto de vista psicológico e mental para que não precise utilizar seus conhecimentos marciais. (OKINAWA, 1998)

Como já foi explicado, o Karatê tem sua origem em uma cultura bem diferente e distante da nossa, mas isto não impede que ele possa ser um instrumento de aplicação dos conhecimentos da formação acadêmica. (YAMASHIRO, 1986)

O corpo, como instância primária de contato do indivíduo com o meio que o cerca, também vai aprendendo certos hábitos motores característicos de uma determinada cultura. O corpo expressa uma cultura e esta determina corpos. O professor de educação física, ao trabalhar diretamente com o corpo e como ser social que é, também participa deste processo de transmissão cultural (DAOLIO apud LISSA, 1998).

Quando as lutas foram para outros países, as pessoas esqueceram um pouco desse lado filosófico, utilizando apenas o corpo com o aspecto de defesa pessoal, não conseguindo agregar o que seria mais importante, a construção de uma pessoa bem formada física e mentalmente. (SILVA, 2000)

O problema atualmente com a prática das lutas é que cada vez mais jovens vêm a sua procura com o propósito de tornarem-se melhores e mais “violentos” que os outros, escondendo atrás de si uma pessoa mal-informada e com problemas sociais. (SILVA, 2000)

É necessário observar como essas lutas são transmitidas, ensinadas, absorvidas e consumidas, com que características essas lutas são resgatadas de sua cultura. Não se carece de mais um tipo de atividade, mas de uma atividade consciente, onde a pessoa e o professor precisam saber o que eles querem alcançar com essa atividade. (LISSA, 1998)

Se é necessário saber como ensinar uma habilidade motora, é igualmente necessário entender o significado dessa habilidade em nossa cultura, sob o risco de o profissional de educação física transmitir aos alunos de forma acrítica, porém tecnicamente competente, certos modismos ou práticas que pouco contribuirão para o acervo cultural dos mesmos (DAOLIO apud LISSA, 1998).

A boa transmissão e posteriormente a execução dessas atividades dependem muito da visão crítica e educacional do profissional, se ele transmitir os conhecimentos da atividade física de uma forma elucidatória, o aluno conseguirá executar os movimentos, tendo um maior e melhor conhecimento do seu próprio corpo, e quais são os objetivos desta atividade. (LISSA, 1998)

BRACHT (1992) afirma que entre os profissionais da Educação Física do Brasil, existem diferentes entendimentos de seu papel na sociedade. Poderíamos dizer que um grande grupo pensa e age de acordo com uma visão “biológica”, a partir da qual o papel da Educação Física seria melhorar a aptidão física dos indivíduos, com o que estaria, automaticamente, contribuindo para o desenvolvimento social, uma vez que os indivíduos estariam mais aptos a atuar na sociedade e, portanto, seriam também mais úteis a ela. Outro grupo de profissionais, que juntamente com a anterior perfazem a maioria, supera de certo modo a visão anterior, agregando à melhoria da aptidão física o desenvolvimento psíquico. Esta segunda visão, que denominamos de “bio-psicológica”, reconhece como papel da Educação Física a melhoria da aptidão física, o desenvolvimento intelectual e a abordagem sistemática, dir-se-ia que a Educação Física atua sobre os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo. Nestas duas visões, porém, a análise da relação da Educação Física com o contexto social é funcionalista, na medida que é seu papel formar física e psiquicamente um cidadão que desempenhe o melhor possível (dentro da atual estrutura social), o papel a ele atribuído na prática social. Desta forma são visões a-históricas do papel social da Educação Física, como também circunscrevem-se no âmbito das teorias acríticas da Educação, por não reconhecerem os condicionantes sociais da Educação, Educação Física e da atividade pedagógica.

Muitos pedagogos da Educação Física/Esporte têm realçado a contribuição da atividade esportiva na socialização das crianças, contribuição essa que tem sido utilizada como justificativa para a inclusão da Educação Física nos currículos escolares. Neste sentido, as colocações indicam que a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento (OBERTEUFER/ULRICH apud BRACHT, 1992); aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, etc. Todas estas afirmações têm em comum o fato de serem afirmações que identificam um papel positivo-funcional para o esporte no processo educativo; privilegiam os aspectos positivo-funcionais camuflando, desta forma, os disfuncionais. Estas posições não partem de uma análise crítica da relação entre a Educação Física/Esporte e o contexto sócio-econômico-político e cultural em que se objetivam, e sim, da análise da Educação Física/Esporte enquanto instituições autônomas e isoladas, ou quando muito, como instituições funcionais, ou seja, como instituições que devem colaborar para a funcionalidade e harmonia da sociedade na qual se inserem. Quando estas abordagens identificam aspectos negativos, estes são colocados como disfuncionais, sendo suas causas buscadas em distorções internas da própria Educação Física/Esporte. (BRACHT, 1992)

No entanto, ao lado destas afirmações que consideram positivo-funcionais o resultado do processo de socialização através do esporte, poderíamos listar outras que indicam no sentido contrário, como por exemplo: pelas regras das competições o esporte imprime no comportamento as normas desejadas da competição e da concorrência (PARLEBAS, 1980 apud BRACHT, 1992); as condições do esporte organizado ou de rendimento são simultaneamente as condições de uma sociedade de estruturação autoritária (WEIGELT, 1972 apud BRACHT, 1992); o ensino dos

esportes nas escolas enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras, e dá a estas um caráter estático e inquestionável, o que não leva à reflexão e ao questionamento, mas sim, ao acomodamento, na linguagem de WEIS (1979) apud BRACHT, (1992), forja um “conformista feliz e eficiente”; o aprender as regras significa reconhecer e aceitar regras pré-fixadas. (BRACHT, 1992)

BRACHT (1992) afirma ainda que a nova geração é educada em e para uma sociedade competitiva na qual o princípio de rendimento se impôs. O jovem esportista é confrontado muito cedo com princípios de rendimento, e dele é esperado não só suportar diferenças de rendimento, como também respeitá-las.

O funcionalismo colabora com o dominador, pois este está muito pouco interessado em mudar, porque isto pode representar a perda de privilégios. Nesta perspectiva trata-se, não de mudar o sistema, mas sim conseguir mudanças dentro do sistema. Não questionando o sistema, trata-se então de fazê-lo funcionar melhor. (BRACHT, 1992)

Assim, podemos dizer que a socialização através do esporte pode ser considerada uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes como condição alegada para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade. Ou seja, a dominação e a exploração devem ser assumidas e consentidas por todos, explorados e exploradores, como natural. (BRACHT, 1992)

É ainda dentro da ótica estrutural-funcionalista que ouvimos com frequência a afirmação de que o esporte educa. Se indagarmos por que, ou o que tem de educativo no esporte, obteremos quase que invariavelmente a seguinte resposta: o esporte educa porque ensina a criança a conviver com a vitória e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo (já que todos são iguais perante a lei devemos respeitá-la, sem discuti-la), ensina a vencer (no jogo e na vida) através do seu esforço pessoal (às vezes tem que momentaneamente aliar-se a outro ou outros para atingir este objetivo, processo que os pedagogos do esporte chamam de cooperação ou companheirismo), ensina a

competir (já que a sociedade é extremamente competitiva e isto a prepara para a vida (ou para o mercado?), desenvolve o respeito pela autoridade que é o árbitro ou o professor (chama-se a isso de disciplina). Precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização no esporte, estão relacionados com sistemas de significados e valores mais amplos, que se estendem para além da situação imediata do esporte. (BRACHT, 1992)

No esporte, desenvolvem-se idéias ou valores que levam com conformismo, como é o respeito incondicional a regras, porque o comportamento não conformado no esporte não leva a modificações do esporte mas, sim, à exclusão dele. No esporte coloca-se em destaque a idéia de que todos têm a oportunidade de vencer (vencer no esporte = vencer na vida), através do esforço pessoal e individual, bastando para isso que se esforce e que tenha talento, o que em última análise justifica e explica as diferenças sociais, negando toda e qualquer determinação social. Esta crença de que no esporte desaparecem as desigualdades, colabora também para um certo abrandamento das contradições ou conflitos sociais. (BRACHT, 1992)

SHINNICK (1978) apud BRACHT (1992) lembra muito bem que os valores “universais” camuflam as contradições sociais, e os valores universais no esporte também encobrem a dominação e a exploração de classe.

Assim, como vimos, realmente o esporte educa. Mas, educação aqui significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento, para adaptar-se à sociedade capitalista. Em suma, é uma educação que leva ao acomodamento e não ao questionamento. Uma educação que ofusca, ou lança uma cortina de fumaça sobre as contradições da sociedade. Uma educação a serviço da classe dominante. Uma educação que não leva à formação “do indivíduo consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve” (OLIVEIRA, 1983 apud BRACHT, 1992)

3 METODOLOGIA

O trabalho em questão pode ser traduzido como uma pesquisa de característica bibliográfica, onde houve uma coleta de dados de diferentes fontes (livros, artigos, monografias...), buscando contrastar vários autores, e procurando chegar a uma reflexão sobre o tema proposto, e com isso sustentar minha prática pedagógica.

Para isto procurou-se abordar tópicos relacionados à:

- gênese e história do Karatê;
- significado da palavra Karatê;
- conceitos básicos de esporte e artes marciais;
- a importância da filosofia;
- aspectos filosóficos do Karatê;
- fundamentação de conceitos filosóficos importantes para o trabalho;
- contribuições da filosofia do Karatê.

4 CONCLUSÃO

À medida que os interesses pelas artes marciais e esportes de combate no Brasil crescem é necessário também que haja uma maior informação a respeito dessas artes e uma maior qualificação dos profissionais para que não se crie uma imagem distorcida e que não seja atribuída uma identidade que fuja completamente da sua identidade original.

Os professores que trabalham com o Karatê devem dar mais importância aos valores morais e éticos presentes na filosofia do Karatê e não apenas ensinar um conjunto de técnicas de ataques e defesas sem nenhum valor psico-social para o indivíduo. O professor deve lembrar-se que o Karatê não é apenas um método de defesa sem armas, ele vai além disso, ele é um caminho que conduz ao equilíbrio, à harmonia, ao encontro do Eu interior, é uma arte que conduz o homem ao encontro de si mesmo, e, neste encontro, poder descobrir suas potencialidades latentes. Ele desperta no praticante o desejo de se auto descobrir e então superar suas limitações.

É importante que o professor tenha conhecimento e compreensão das origens históricas do Karatê, independente se este conteúdo vai ser trabalhado em escolas de treinamento ou em aulas de Educação Física.

Deve-se lembrar também que o Karatê é uma filosofia de vida e não uma religião (SILVA, 2000), onde busca-se um aprimoramento do corpo e da mente, sendo assim, é possível praticar o Karatê e estudar a sua filosofia de origem sem qualquer tipo de comprometimento religioso. O único problema que pode surgir no estudo da filosofia do Karatê é no entendimento do verdadeiro significado das palavras.

Quando discute-se “desenvolvimento humano” existe a dificuldade de se saber qual é o perfil, a identidade que se busca com esse desenvolvimento, e isto ocorre devido à diversidade de ideais humanos e nesta diversidade de ideais o que é

desenvolvimento para um não é para o outro. Por este motivo não podemos nos iludir com a ambição de encontrar um ideal único e universal.

Através do estudo bibliográfico realizado neste trabalho foi possível identificar como aspectos mais relevantes na filosofia do Karatê:

- busca constante do aperfeiçoamento e auto controle. Estudar, criar e aperfeiçoar-se constantemente (YAMASHIRO, 1986);
- formação de hábitos de saúde (YAMASHIRO, 1986);
- respeito acima de tudo (FUNAKOSHI, 1988);
- conter o espírito de agressão.

Quanto às contribuições que o Karatê e mais especificamente sua filosofia podem proporcionar ao desenvolvimento integral do indivíduo foi possível identificar os seguintes aspectos:

- diminuir a agressividade (BULL; CALEJA; VIRGÍLIO apud FRANCHINI, 1996);
- proporcionar auto-conhecimento (BULL; VIRGÍLIO apud FRANCHINI, 1996);
- melhora do auto-conceito (BULL apud FRANCHINI, 1996). Embora COAKLEY apud FRANCHINI (1996) tenha realizado estudos com outras atividades motoras, que não as típicas de artes marciais, indicando que as mesmas modificações podem ser obtidas ao adaptar estas atividades;
- conhecimento de outras culturas e do modo como encaram o ser humano e o universo (BULL apud FRANCHINI, 1996). Este aspecto pode ser obtido se o programa tiver a intenção de transmitir tais conhecimentos;

- aumentar a sociabilidade, através da interação com outras pessoas do grupo (BULL apud FRANCHINI 1996). Segundo o estudo de COAKLEY apud FRANCHINI (1996) a prática de atividades motoras em grupo aumenta a capacidade de sociabilização das pessoas;
- contato corporal, essencial para a relação mais saudável com o outro e consigo próprio (JOHNSON; BULL apud FRANCHINI, 1996).

Quanto ao aspecto de convivência e formação de caráter, este esporte permite libertar a criança de uma série de inibições ao facilitar-lhe o trato num ambiente diverso do meio familiar que, além disso, oferece éticas de comportamento para com seus companheiros e professores. (OKINAWA, 1998)

A Educação Física vista como conhecimento científico tem demonstrado que pode atuar como um grande estímulo à conquista da educação integral. E o auto-controle, a auto-estima, o equilíbrio fazem parte dessa educação. (ZIEMMER, 1997)

Impossível seria viver separadamente o aspecto físico, mental ou intelectual. Entre a vida biológica, psíquica e espiritual, não existem compartimentos sem comunicação.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- BATH, S. **Japão: Ontem e Hoje**. São Paulo : Ática, 1993.
- BORGES, Odair A. **Jiu jitsu: educação ou adestramento?**. Treinamento Desportivo , Curitiba, v. 4, n. 1, p. 67-71, 1999.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre : Magister Ltda, 1992.
- DALLEDONE, André Luis. **A formação da ética através da prática do Karatê-do**. Curitiba, 1994. 15 f. Monografia (licenciatura em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo : Perspectiva, 1998.
- FRANCHINI, E.; TAKITO, M. Y.; RODRIGUES, F. B.; MANOEL, E. J. Considerações sobre a inclusão de atividades motoras típicas de artes marciais em um programa de Educação Física. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (2.; 1995, São Paulo). **Proceedings do 2. Congresso de Iniciação Científica**. São Paulo : Escola de Educação Física, 1996. p 65-69.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo : Scipione, 1989.
- FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-do Nyuman**. Texto introdutório do mestre. São Paulo : Cultrix Ltda., 1988.
- _____. **Karatê-do. O meu modo de vida**. São Paulo : Kodansha International Ltda., 1973.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4 ed. São Paulo : Atlas, 1995.
- GRAUE, Natalie Simone. Karatê: em busca de uma prática não-agressiva. **Conexões: educação, esporte, lazer**, Campinas, n. 3, p. 134-140, dez. 1999.
- JACQUARD, Albert. **Filosofia para não filósofos**. Campinas : Campus, 1998.
- KUNIYOSHI, C. **Imagens do Japão: Uma utopia dos viajantes**. São Paulo : FAPESP, 1998.
- LISSA, Maurício Darlei. **Proposta pedagógica para o ensino da luta Taekwondo em escolas, para crianças de 6 à 10 anos**. Curitiba, 1998. 22 f. Monografia (licenciatura em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- LUBES, Aldo. **Caminhos do Karatê**. Curitiba : UFPR, 1991.

- MACHADO, Cristina Aquino. **A contribuição do taekwondo no controle da agressividade**. Curitiba, 1995. 44 f. Monografia (licenciatura em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- NUNES, Ricardo João Sonoda. **A formação profissional atual dos instrutores de taekwondo**. Curitiba, 1999. 40 f. Monografia (licenciatura em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- OKINAWA, Tatsuro. **Kiai, o verdadeiro livro do Karatê**. Porto Alegre : Rígel, 1998.
- PANIKKAR, K. M. **A dominação ocidental na Ásia: do século XV até nossos dias**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.
- PEREIRA, F. M. **Dialética da cultura física**. São Paulo : Ícone, 1988.
- SANTIN, Silvino. **Educação Física: ética, estética, saúde**. Porto Alegre : Est, 1995.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo : Cortez, 1994. (Magistério 2º grau).
- SILVA, Gilberto Antonio. Filosofia ou Religião. **Revista Oriente**. São Paulo : [s.n.], 2000.
- _____. **Porque aprender armas marciais**. **Revista Oriente**. São Paulo : [s.n.], 1999.
- TAGNIN, A. C. Gotuzzo. **O verdadeiro Caminho do Karatê**. São Paulo : Rodolivros, 1975.
- VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. 9 ed. São Paulo : Brasiliense S.A., 1986. (Coleção Primeiros Passos, 177)
- VIANNA, José Antonio. Valores tradicionais do Karatê : uma aproximação histórica interpretativa. **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo : Martins Fonte, 1999.
- YAMASHIRO, J. **História da Cultura Japonesa**. São Paulo, IBRASA, 1986
- _____. **Japão : Passado e Presente**. São Paulo : Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997.
- ZIEMMER, Alexandre. **Contribuição do Taekwondo para o desenvolvimento infantil**. Curitiba, 1997. 24 f. Monografia (licenciatura em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.